

Caderno de Saberes

Débora Wobeto
Maria Amélia Medeiros Mano

Caderno de Saberes

Débora Wobeto Maria Amélia Medeiros Mano



Caderno de Saberes

1ª Edição

Débora Wobeto
Maria Amélia Medeiros Mano





Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitor

Rui Vicente Oppermann

Vice-reitora

Jane Fraga Tutikian

Equipe do projeto Memórias da Vila Dique

Almerinda Gambin

Grupo Hospitalar Conceição (GHC)

Allyson Guttler Correa

Curso de graduação em História/UFRGS

Débora Wobeto

PPG Antropologia Social/UFRGS

Lúcia Biavaschi Grassi

Residência Integrada em Saúde/GHC

Najara Lourenço dos Santos

Residência Integrada em Saúde/GHC

Pamela Camila da Silva Fontoura

Curso de graduação em História/UFRGS

Sérgio Ferrarini Santos

Curso de graduação em Educação Física/UFRGS

Coordenação do projeto

Carmem Zeli de Vargas Gil

Faculdade de Educação/UFRGS

Maria Amélia Medeiros Mano

PPG Educação/UFSM e GHC

Apoio

PROEXT – MEC/SESu

Programa de Fomento à Extensão 2013 da UFRGS

Núcleo de Editoração e Revisão da Gráfica da UFRGS

Acompanhamento editorial

Glauber Machado

Projeto gráfico

Carolina Vernier

Walter Diehl

Glauber Machado

Capa e editoração

Carolina Vernier

Revisão

Priscila Borges

Edição de fotografia

Frederico Stumpf Demin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W837c

Wobeto, Débora,

Cadernos de saberes / Débora Wobeto, Maria Amélia Medeiros Mano

– Porto Alegre: UFRGS, 2016.

111 p.

1. Educação social 2. História de vida 3. Exclusão Social 4. Vila Dique

I. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Título

II. Wobeto, Débora III. Mano, Maria Amélia Medeiros

CDU: 37.035

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808



Agradecimentos

Aos que, com generosidade, simplicidade e carinho, nos deram um pouco do seu tempo e muito de seus saberes:

Anastácio Munhoz Correa
Ângela Margarete Paredes Dalla Rosa
Aramito Miramar da Silva
Georsélia da Silva Moraes
Mário César Luzia Moisés
Zulmar Rosane Natário da Silva

Aos que, com boa vontade e confiança, indicaram nomes, caminharam conosco, visitaram e, muitas vezes, estiveram junto nas entrevistas, aprendendo e ensinando:

Almerinda Argenta Gambin
Rosane Learci da Silva
Márcia Andréia Natário da Silva
Loreci Terezinha Gularte
Alvoni Pereira dos Santos
Tiago Moraes Pereira
David Luís Fontoura da Silva
Janaína Vieira da Silva e Lucas Fontoura
Dirce Marion Vieira
Luís Fernando Silva da Silva
Luciana Maria Brancher Stobaus

À equipe do projeto Memórias da Vila Dique, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à Unidade de Saúde Santíssima Trindade do Grupo Hospitalar Conceição.

Às comunidades da Vila Dique e do Porto Novo.

Aos moradores e moradoras que ainda não conhecemos, que ainda não ouvimos.

Aos que conseguem fazer de suas vidas uma missanga colorida e cheia de brilho em meio a fios que nem sempre se unem, que nem sempre estão íntegros, mas que sempre nos dão a oportunidade de embelezar o olhar e a alma com as histórias e os saberes.



Sumário

Prefácio	7
Apresentação	9
Introdução	
O fio das missangas e as missangas do fio	13
Geo	18
Aramito	30
Anastácio	50
Ângela	64
Zulmar	80
Mário	98
Créditos	110
Referências	111



Prefácio

Este trabalho teve início em 2011, quando a remoção de famílias da Vila Dique começava a constituir o que hoje chamamos Conjunto Habitacional Porto Novo. Desde então, nós – Universidade, Unidade de Saúde e lideranças comunitárias – temos registrado histórias de famílias que viveram a situação de deslocar-se de um lugar e fazer-se em outro.

Nesse movimento, surgem histórias de mulheres, homens, jovens e crianças que aprendem e ensinam sobre a vida. Com suas histórias, queremos valorizar a diversidade cultural e a história de cada pessoa como patrimônio, contribuindo para a construção de uma cultura de paz.

Desse encontro com a Vila Dique e o Porto Novo já produzimos um Caderno de Memórias, um Caderno de Textos, um Caderno Pedagógico e agora este Caderno de Saberes. O termo caderno tem sido empregado como forma de nos referirmos à escrita mais pessoal que encontramos nesse tipo de registro. Tecendo os fios da memória, Georsélia, Aramito, Mário, Ângela, Anastácio e Zulmar falam da vida no novo território que vai, pouco a pouco, transformando-se em um lugar significativo para cada um. Semelhantes, porém diferentes, cada um deles traz um saber que faz do Porto Novo um lugar melhor para se viver, “o lugar da gente”.

Queremos, sobretudo, falar dos saberes das pessoas que transformam o lugar e constroem identificações positivas para vilas e bairros da cidade, indo muito além da violência e da precariedade. Queremos crer na potência destes saberes sintetizados aqui em palavras; palavras que o vento não leva porque estão aqui registradas para serem lidas por quem desejar. E, como disse Gabriel Garcia Marques, “a vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”.

Que esta leitura seja inspiradora!

Carmem Zeli de Vargas Gil

Coordenadora do projeto Memórias da Vila Dique (2011-2014, 2016)



Apresentação

“Há um quadro de Klee que se chama ‘Angelus Novus’.

Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente.

Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto.

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés.

Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso.”

BENJAMIN, Walter. Tese IX

Walter Benjamin sonhou com seu anjo da história: ele vê aterrorizado o progresso, que só faz acumular escombros a seus pés. O vento que vem do paraíso, isto é, a esperança, o impede de desviar a vista. Pela história, portanto, podemos ver os escombros, mas não podemos mais reconstruí-los. Mesmo assim, segundo Benjamin, o passado é necessário não para preservar a catástrofe, mas para romper com ela.

O projeto de extensão Memórias da Vila Dique, em sua 4ª edição – da Vila Dique ao Porto Novo –, trabalha para ouvir, estimular e publicar narrativas e memórias de moradoras e moradores da Vila Dique e do Porto Novo. O olhar para o passado com a devida incerteza sobre o futuro faz parte das narrativas aqui apresentadas. São pessoas que deixaram suas casas em escombros e encontraram outros espaços, com os quais criam novos significados e nos quais imprimem suas marcas.

As narradoras e narradores aqui presentes seguem os tempos de suas memórias. Mesmo sabendo que se trata de um projeto de extensão com um objetivo específico, não se limitam a tratar da transição entre uma e outra vila, e contam o que lhes parece importante e necessário, aquilo que precisa ser gravado, registrado, exposto para a universidade, para o mundo.



Não sabemos quais serão os efeitos desta publicação para as pessoas nela envolvidas, nem para suas leitoras e leitores. Talvez indique uma aproximação entre universidade e sociedade; quem sabe sinalize que não se trata de distância, mas de escuta e atenção, já que universidade e sociedade nunca deixaram de se relacionar; para alguns, pode significar um jeito inédito de ouvir histórias e memórias da Vila Dique e do Porto Novo. Para nós do projeto Memórias da Vila Dique, estes sábios narradores e narradoras puderam compreender de outras formas os escombros que vêm do passado e puderam construir, mesmo que momentaneamente, rupturas com as histórias repetidas sobre as periferias das grandes cidades. Há sabedoria, há vida, há experiência nessas memórias. Desejamos às leitoras e aos leitores que, com as seis narrativas aqui apresentadas, também possam construir novas memórias sobre a Vila Dique e o Porto Novo.

Caroline Pacievitch

Coordenadora do projeto Memórias da Vila Dique, 2015.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 222-232. (Obras escolhidas, v. 1).





Introdução

O fio das missangas¹ e as missangas do fio

Pequenos e grandes movimentos

Em maio de 2015, na fronteira do Marrocos com a Espanha, ao revistarem a mala de uma jovem muito nervosa, foi descoberto um menino negro da Costa do Marfim de apenas oito anos de idade. Logo que descoberto, o menino de olhos assustados se desvencilhou das roupas que o envolviam e disse: “Olá, meu nome é Abou”². Os noticiários se referiram a ele como “clandestino”, “africano”, “subsaariano”. No entanto, a primeira reação da criança foi dizer seu nome. Dessa forma, Abou enfrentava o anonimato que condena a todos os que, como ele, buscam novas chances de sobreviver; todos os que morrem nas travessias dos barcos; todos os que são expulsos de suas terras; todos os que não têm o raro privilégio de serem apresentados ao mundo sob uma outra lógica, livre de rótulos sociais, com nome, sobrenome e história.

Há cinco anos o projeto Memórias da Vila Dique³ se preocupa com nomes, sobrenomes e histórias. O anonimato e a garantia de sigilo, tão sacralizados nos comitês de ética de pesquisa como uma forma de proteção e garantia da ética nas investigações, são problematizados tanto em grupo como com cada um individualmente. E o que cada um quer é ser apresentado ao mundo tal qual Abou se apresentou. Não querem ser “as vítimas de uma remoção forçada”, não querem ser “as mulheres do clube de mães”, não querem ser “os moradores de um novo território”; querem ser Aramito, Geo, Ângela, Anastácio, Zulmar, Mário e tantos outros que, com seus nomes, sobrenomes e histórias, constroem conosco este projeto, que é um processo de composição e descoberta constantes.

¹ A grafia da palavra "missangas" faz referência à forma como ela aparece no livro de Mia Couto. A grafia correta da palavra no Brasil é "miçangas".

² CRIANÇA é encontrada dentro de mala após fiscalização em fronteira na Espanha. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 8 maio 2015. Disponível em: <<http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2015/05/crianca-e-encontrada-dentro-de-mala-apos-fiscalizacao-em-fronteira-na-espanha-4756413.html>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

³ GIL, Carmem Zeli de Vargas; KAMMSETZER, Christiane Silveira; WOBETO, Débora; TEIXEIRA, Lourenço Stefanello; MANO, Maria Amélia Medeiros; ASSUNÇÃO, Naiara Müssnich Rotta Gomes de. **Memórias da Vila Dique**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

Desse modo, este é um trabalho que nasce do “pequeno relato”, do “pequeno movimento”, ainda no território da Vila Dique, quando, em consultas médicas, as pessoas contavam seus medos e suas dores relacionadas à remoção da comunidade para um território distante e desconhecido. A remoção de famílias, que por mais de 40 anos haviam construído laços de amizade e lutas, foi e continua sendo mais um resultado do megaevento da Copa do Mundo de 2014. Localizada ao lado da pista do único aeroporto de Porto Alegre, que foi uma das sedes da Copa, a Vila Dique sempre sofreu com a transitoriedade devido às ocupações irregulares e, com o abandono do poder público, passou a ser palco de disputa. Nos períodos de remoção, ela é um verdadeiro palco de guerra, com escombros, restos, destruição e abandono.

As parcerias entre a Unidade de Saúde Santíssima Trindade, o Grupo Hospitalar Conceição (GHC) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) deram força às inquietações, revoltas e vontades de se manifestar e as transformaram em ação de extensão, a qual desencadeou o projeto de extensão Memórias da Vila Dique. As Rodas de Memória, as publicações, o videodocumentário, o curta-metragem e o caderno pedagógico dão testemunho e se somam às diversas ações nesses cinco anos de inserção nos territórios da Vila Dique e do Porto Novo. Essa integração foi marcada por mudanças nas vidas individuais e comunitárias, pelo desafio da escuta, pela necessidade de se adaptar a dinâmicas difíceis, pela movimentação da memória e, muito especialmente, pela luta em prol do “hoje”, do que é deles e delas: suas casas.

A comunidade quer enfeitar as ruas, arrumar as paredes das casas, deixar os muros coloridos e cuidar de pequenos jardins e quintais. As mulheres querem resgatar as hortas comunitárias e caseiras; os meninos querem uma pista de skate. As pessoas também se sensibilizam com novas situações de violência. Nesse contexto, o projeto se volta novamente para o que o inspirou: o pequeno movimento. Com ele, retornamos ao menor espaço de aconchego e de vida: a casa. Assim, debruçamo-nos sobre as entrevistas⁴ individuais e domiciliares, abordando os saberes, os sentires e as experiências geradas por esses saberes. Já tínhamos alguns nomes: pessoas que, por seus ofícios ou crenças, não estavam nas rodas de memórias, bem como aquelas cujas histórias sabíamos que não seriam partilhadas com o grande grupo.



⁴ As entrevistas que compõem este livro foram realizadas entre maio e outubro de 2015.

As missangas

Desta maneira, de indicação em indicação, por intuição e caminhada, chegamos ao tocador de sanfona que é afiador, à doceira oficial, à cantora de hinos religiosos, à artesã que faz arte do lixo, ao construtor de casinhas de cachorro e ao pai-de-santo que joga búzios. Sobretudo, conhecemos nomes e sobrenomes; pessoas que fazem parte da história da Vila Dique e do Porto Novo; pessoas que têm histórias fortes, valiosas, das quais só conseguimos, humildemente, trazer uma pequena parte. Esse pequeno recorte nos convida a refletir não só sobre esse movimento do pequeno ao grande e vice-versa mas sobre o pequeno em si; sobre a beleza do pequeno na forma de um encontro na sala de estar, entre um café e um toque de gaita, com crianças correndo e a foto de família sendo apontada com carinho e orgulho. O pequeno é o essencial.

Pequenas são também as missangas da artesã, Zulmar, que transforma lixo em enfeite e percorre as feiras de artesanato com sua arte. Pequenos são os contos do moçambicano Mía Couto, que nos inspiraram nessa produção. Guimarães Rosa com suas veredas e Manoel de Barros com sua “grandeza do ínfimo” já nos inspiraram em outras publicações, trazendo a poesia da vida para a escrita de vidas que são poesias. Para Mía Couto, cada uma das 29 histórias são missangas, e o fio que as une é a voz do poeta, a escrita. Para nós, cada missanga é uma pessoa com seu mundo, seu brilho. E o fio que as une? Ainda pensamos: seria a memória? Seria o território: a Vila Dique, o Porto Novo? Nosso registro é esse exercício delicado de, uma a uma, colocar as missangas em fio.

Assim, temos o conhecido talento de Geo para o canto e a música, sua emoção ao falar da família, da fé e do seu filho, Tiago; temos a paixão de Aramito pelas crianças e pelo cuidado de cães abandonados (sempre auxiliado pela irmã, Rô); além dos agentes comunitários de saúde e demais implicados com o trabalho na comunidade. Foi a partir da Rô que chegamos até a Ângela e o Mário, moradores da microárea onde ela atua. É difícil uma festa de criança que não tenha um bolo da Ângela, cujos cadernos de receitas escritos à mão mostram uma mistura de ingredientes da cozinha e da vida – impressões do dia, sentimentos, reflexões. Mário é pai de santo e tem uma história de vários ofícios e desafios dos quais tem muito orgulho. Seu Anastácio, indicado pela Lori, outra agente de saúde, faz festas e afia facas em um mundo que percorre de bicicleta enfeitada. Por último, conhecemos Zulmar, a artesã, que une missangas em fios, sentada na frente de casa.



O fio

O dia vai chegando ao fim no Porto Novo. Passamos na frente da casa da Ângela e é possível sentir o cheiro de bolo no forno. Atravessamos a rua e as casinhas de cachorro do Aramito começam a ser ocupadas com o frio que vai chegando. Um pouco mais adiante, Geo retorna do trabalho para casa e canta para o filho. Seu Anastácio treina o fole depois de passar o dia afiando facas. Zulmar se prepara para uma feira de artesanato e, mais tarde, alguns tambores da casa do Mário anunciam a festa de santo.

O Porto Novo são as ruas disputadas nome a nome, número a número, CEP a CEP. O Porto Novo são os pequenos e grandes grupos: os que se escondem, os que aterrorizam, os que se mostram nas calçadas nos fins de tarde, nas manhãs da horta, nas noites de manobras de skate. Acima de tudo, porém, o Porto Novo são as pessoas. São as pessoas que fazem a vida e a história do Porto Novo.

Assim, o projeto segue caminhando com os moradores, nomeando, visibilizando e contando as histórias infinitas dessas pessoas que não podem ser reduzidas a um grupo de “assentados” ou “removidos”, assim como o menino Abou não pode ser reduzido a “um africano” ou a “um clandestino”. Certamente, a história dele, para além dos rótulos, nos faria entender o contexto dos nomadismos, das expulsões, das fugas e da perversidade dos aliciadores que traficam pessoas. Certamente as histórias das personagens silenciadas e oprimidas de Mia Couto trazem uma Moçambique distante, mas que também está presente nas nossas ruas e comunidades perto de nós. A imagem da Geo regendo um coral de crianças na beira da faixa onde passavam caminhões, ônibus e carros apressados também diz muito: ela nos mostra o pequeno nem sempre visível. Para quem passava pela Avenida Dique com medo da feiura, da violência e da pobreza não imaginava que, em um beco de casas humildes, havia crianças cantando.

Com essa canção, caminhamos e nos equilibramos nesse fio para trazer a beleza das missangas unidas, coloridas por vidas, histórias, nomes e sobrenomes. Entretanto, diferentemente da artesã, não temos a pretensão de segurá-las para sempre nessa composição. Sabemos que o nosso “colar” é vivo – ele dança, muda. Sabemos que desse fio sairão missangas mágicas, que depois buscarão outro fio, o qual também tentaremos compreender. Um fio que é invisível e pode ser tudo o que une e tudo o que, algum dia, pode libertar. Aos leitores e leitoras, entregamos palavras e imagens para que façam suas próprias suposições. Observem o pequeno grande brilho das missangas, o mesmo que está nos olhos das pessoas que conseguem ser reconhecidas como especiais dentro de um mundo de anônimos. Qual é o fio mesmo?





Geo



Minha sabedoria é ignorar
as minhas originais certezas.

Mia Couto





Pedi pra Deus colocar em mim algum dom que tirasse de mim o desejo de estar fazendo o que eu fazia antes. Na Igreja Adventista, a dança é algo que não é bem-vindo, porque traz a sensualidade e várias questões. Então eu falei pra Deus: 'Senhor, eu tô guardando esses dons, mas eu preciso que o Senhor me dê outros, pra que eu possa te servir, pra que eu possa me sentir bem e útil'. Então, aos poucos, Deus foi me dando o dom da música.





Calendário 2010

3355 2800

MASKI TEXTIL

e-mail: maskitextil@terra.com.br

Fone: (51) 3355.3800

OUTUBRO		2010	
1	2	3	4
5	6	7	8
9	10	11	12
13	14	15	16
17	18	19	20
21	22	23	24
25	26	27	28
29	30	31	

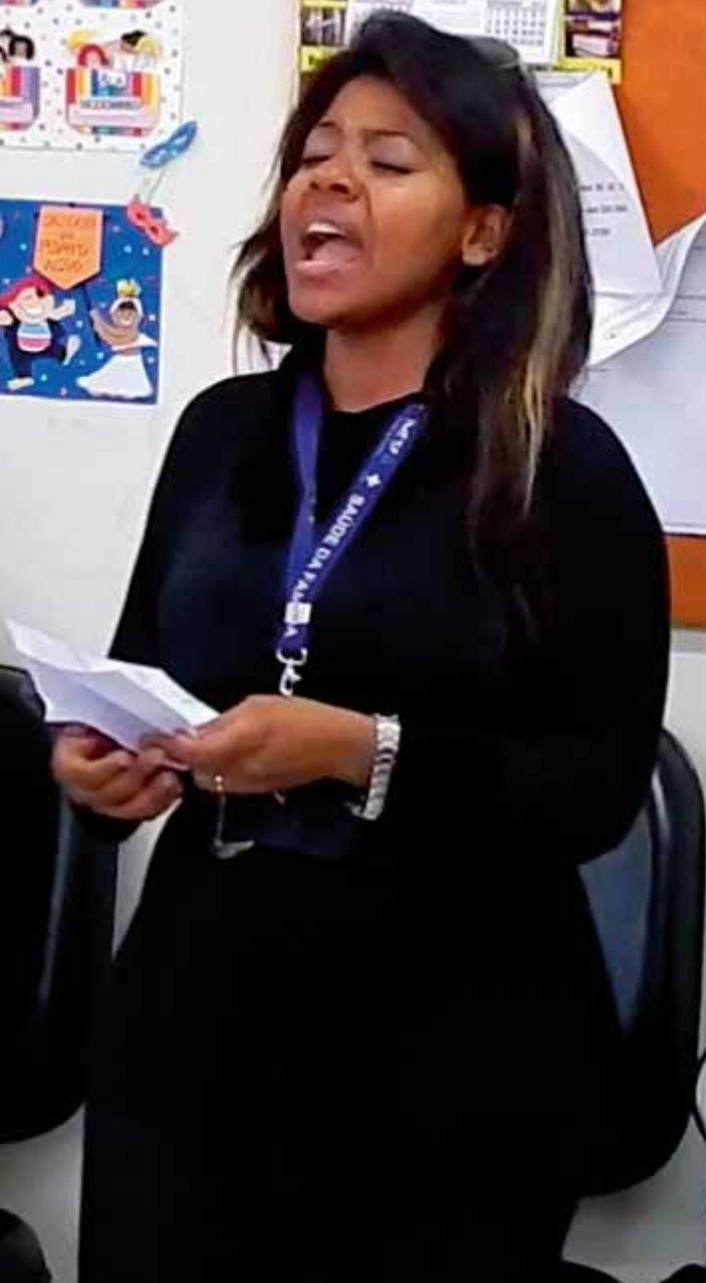
6º Semestre de Ingressantes no Curso de Graduação em Psicologia do CFC

23/2015

Local: Hotel Canal Sower

Programação

DATA	CONTÉUDO
01/10	Introdução ao Curso
02/10	Psicologia Geral
03/10	Psicologia da Aprendizagem
04/10	Psicologia da Saúde
05/10	Psicologia do Trabalho
06/10	Psicologia da Família
07/10	Psicologia da Educação
08/10	Psicologia da Comunicação
09/10	Psicologia da Cultura
10/10	Psicologia da Arte
11/10	Psicologia da Literatura
12/10	Psicologia da Música
13/10	Psicologia da Dança
14/10	Psicologia da Teatro
15/10	Psicologia da Cinema
16/10	Psicologia da TV
17/10	Psicologia da Rádio
18/10	Psicologia da Internet
19/10	Psicologia da Mídia
20/10	Psicologia da Comunicação Digital
21/10	Psicologia da Comunicação Social
22/10	Psicologia da Comunicação Empresarial
23/10	Psicologia da Comunicação Intercultural
24/10	Psicologia da Comunicação Transcultural
25/10	Psicologia da Comunicação Global
26/10	Psicologia da Comunicação Regional
27/10	Psicologia da Comunicação Local
28/10	Psicologia da Comunicação Comunitária
29/10	Psicologia da Comunicação Cidadã
30/10	Psicologia da Comunicação Participativa
31/10	Psicologia da Comunicação Transformadora



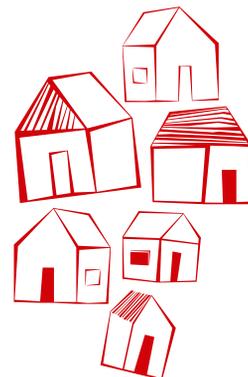
A child's hands are seen interacting with a white sensory tray filled with various colorful toys. The tray includes a large orange shape with green and blue buttons, a xylophone with green, yellow, red, and purple keys, a red circular button, a blue button, a yellow button, a green button, a yellow button with three blue rods, and a red button with white and black pieces. The child is wearing a light blue long-sleeved shirt. The tray is placed on a yellow and blue patterned mat.

“
O que eu posso dizer dele é que ele é uma
surpresa boa pra mim e pro meu marido a cada dia.
Ele é um presentão de Deus; eu ganhei na Mega-Sena,
ganhamos na Mega-Sena: chegou o Tiago.”





Geo



O pai – músico e radialista – apresenta um programa popular em Salvador e tem voz “estilo Elvis Presley”. A mãe é educadora. Assim, Georsélia (a Geo) conheceu um pouco de tudo: treinou canto lírico (tem “voz feita para o público”); passou pela vida turbulenta dos shows e bandas de forró; montou espetáculos, preparando bailarinos e figurinos; teve vários papéis principais em peças de teatro; dançou balé afro. Desse tempo passado, que chama de “vazio”, rasgou as fotos.

Geo foi questionando sua vida e foi aprendendo a ouvir mais. Afirma que sua mudança foi radical, mas “passo a passo”, com tranquilidade. Primeiro, começou a estudar a Bíblia. Depois, passou a guardar os sábados. Buscou várias religiões até encontrar a Igreja Adventista, onde conheceu o esposo, Alvoni. Diz que “Deus deu o talento, a voz”. Assim, hoje, ela canta louvores e hinos na igreja e é agente comunitária de saúde, responsável pelo grupo de caminhada da unidade.

Geo tem 37 anos, é baiana e chegou ao Rio Grande do Sul aos 19 anos. Morou seis anos na Dique. Quanto à profissão, ela a valoriza e diz que no posto de saúde tem “uma família”. Explica que seu trabalho também exige uma organização administrativa, manejo de papéis, prontuários e documentos: “Não é só a visita [domiciliar]”. Também conta que o grande desafio como agente comunitária é a saúde mental e que “o lado evangélico ajuda as pessoas”.

No entanto, a função de que mais se orgulha é, sem dúvida, a de ser a mãe do Tiago, seu primeiro filho, que foi planejado, desejado e muito esperado. Tiago fez um ano e tem síndrome de Down. “Ser a mãe do Tiago é um presente; ele está fazendo muito por nós” e “é uma surpresa a cada dia”, diz Geo. Afirma ainda que a síndrome faz com que ela e Alvoni prestem atenção em tudo, e que, se não fosse isso, “a gente não teria o empenho nos detalhes.”

Geo fala com carinho do esposo. Diz que ele é apaixonado pelo “filhão” e participa de todos os passos. Acompanha Tiago às consultas de fisioterapia e fonoaudiologia na Apae⁵. Também busca o filho na escolinha, além de dar banho morno antes de Tiago dormir.

Tiago foi apresentado à igreja aos dez dias. Geo canta hinos e louvores para ele dormir. No seu quatinho, todo enfeitado e decorado, estão as fotos dos pais em trajes de formatura. Geo fez Educação Física, e Alvoni, Administração. Ela quer que o filho cresça com exemplos, quer que estude e se forme, seja independente. Geo mostra as fotos dele e o vídeo do coral de crianças que regia na beira do asfalto na Vila Dique com o mesmo orgulho e esperança.



⁵ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.



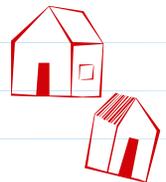


Aramito

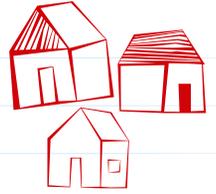


Uma certa tarde, o avô visitou a casa dos seus filhos,
sentou-se na sala e ordenou que o neto saísse.
Queria falar, a sós, com os pais da criança.
E o velho deu entendimento:
criancice é como amor, não se desempenha sozinha.
Faltava aos pais serem filhos, juntarem-se miúdos com o miúdo.
Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo,
esquivar-se do corpo e do juízo.
Esse é o milagre que um filho oferece – nascemos em outras vidas.
E mais nada falou.

Mia Couto







O Pé de Pano foi deixado quando começaram a construir o posto. O construtor tinha uma cachorrada e essa cachorrada cuidava do posto pra ele. Aí ele foi embora e deixou o Pé de Pano e mais uns dois. A gente vinha lá da Dique antiga pra trabalhar aqui e a gente dava um restinho de comida, uma coisa ou outra, e ele foi ficando. Aí a gente adotou ele, a gente trouxe ele pra casa, e ele foi ficando por aí. Um dia o cara da obra apareceu, e, por acaso, eu tinha deixado ele preso no pátio.

[Construtor] – Eu vim buscar o cachorro.

[Aramito] – Não, agora o cachorro não é mais teu.

Tu deixou, tu abandonou, ele tava por aí atirado.

A gente disse que não sabia do cachorro, ele foi embora e nós adotamos o cachorro. O cachorro agora é nosso.





Depois começaram a surgir vários animais. Todos esses animais que estão aqui já estavam aqui quando a gente veio pra cá. Não foi a gente que trouxe e nem catou da rua, eles eram da rua já. Aí começou a passar um bandinho de cachorro na frente do posto e a gente sempre botava água pra eles e tal. Passou uma cachorrinha pequeninha, pretinha, que hoje eu chamo de Pretinha, que eu adotei também e que eu tenho um amor muito grande por ela. Aconteceu alguma coisa pra ela, e eu disse assim: 'Que cachorro mais feio, cheio de fiapo, toda suja'. Aí ela passou e tal. Aí a Rô disse: 'Ai, eu queria tanto aquela cachorrinha pra mim'. Eu disse: 'Não, a gente tinha feito um acordo de que não queríamos mais cachorro'. Aí a Rô foi fazendo estratégias pra pegar ela. A gente fez uma com um caminho de ração ali pra dentro do pátio. Ela entrou, a Rô pegou ela, deu banho e disse que ia pôr na internet pra doação. Depois que a Rô deu banho, ela veio, e eu tava sentado na garagem, e ela pulou no meu colo... e aí ela me ganhou. Ela é super parceira minha. Todo tempo que eu fiz cirurgia dos olhos, que eu fiquei em casa 30 dias, ela ficou do meu lado ali. Vocês vão ver a festa que ela vai fazer quando eu entrar ali.









Aí tá, adotamos aquela. Aí outro dia apareceu uma outra aqui. Pra nós, era um cachorrinho, e a gente chamava ela de gurizinho. Ela ia até a esquina do posto com nós, e a gente mandava ela de volta. E ela entrava no pátio da escola aqui na frente, não tinha ainda esse gradil atrás das casinhas, e nem tinha as casinhas. A gente começou a trazer restinho de comida e dar, porque o bichinho tá na rua e tá passando fome, e o bichinho também não gosta de passar fome, nem frio, nem sede, nem outras coisas, assim como o ser humano. Aí um dia nós olhamos e ela tava lá dentro e com a patinha deslocada, aí eu disse: 'Bah, o que a gente vai fazer?' 'Vamos levar lá no SEDA⁶'. Levei lá no SEDA e disseram: 'A gente não pode fazer nada sem vocês fazerem uma ecografia pra ver se ela tá gestante, porque ela tá gordinha, e tirar um raio-x pra ver se a patinha dela tá quebrada, pra depois fazer cirurgia e colocar no lugar'. Aí eu paguei duzentos e poucos reais, fiz o raio-x e não tava quebrada, a patinha tava só deslocada, e ela não era gestante, era gordinha mesmo. Aí a gente levou lá pro SEDA, ela ficou uma semana lá. Acharam uma manchinha no pâncreas, aí abriram ela pra olhar e já aproveitaram, castraram ela, colocaram a patinha no lugar. E ela veio, veio pro nosso pátio. É a terceira dos quatro que a gente tem.



⁶ Secretaria Especial dos Direitos Animais, Porto Alegre/RS.





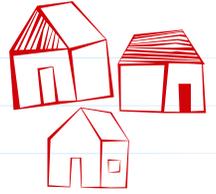
Aí apareceu mais um bichinho, em fevereiro do ano passado, na rua. Uma poodlezinha branca, o pelo todo aparadinho, assim, cega. Era o forte do verão, quase uns 40 graus, e eu disse pra Rô: 'Rô, pega um pote de água e de ração e leva pra aquele bichinho que tá passando dificuldade'. Aí a Rô veio e eu disse: 'Nem vai mais, porque já atravessou a rua, foi pro outro lado'. A Rô disse: 'Agora já tô com a água e a comida na mão, vou lá pro outro lado levar ali na Bernardino Silveira Amorim, que é bem movimentada'. Aí ela chegou lá e a cadelinha era cega. Aí ela pegou; tinha uns dois mil carrapatos. Deu banho, tomou remédio... sacudia e caía todos os carrapatos. Vinte e dois anos de idade ela tem. Aí ficou a cachorrinha aí e tal. Depois, lá no posto, eu fui comentar com uma outra paciente que trabalha numa pet. Ela disse: 'Essa cachorrinha era minha'. Aí eu disse: 'Eu não acredito que tu teve coragem de pôr ela fora, sendo ela cega e do jeito que ela tava, magrinha, caminhando na rua, com fome e várias outras coisas'. Ela disse: 'Não, eu dei p'rum cara e o cara botou fora, ela acabou me engabelando'. Eu disse pra ela: 'Deus que não te castigue que tu fique cega e teus filhos te botem na rua quando tu ficar velha'. Aí ela disse: 'Aaaah, mas tu tá falando isso pra mim?' E eu disse: 'Não, tô só brincando'. Aí a cadelinha a gente levou no SEDA e era só idade. Ela pegou com 16 anos, ficou seis anos com ela, depois resolveu que não queria mais e jogou fora. Então essa tá dentro de casa, a gente pegou ela.





Fora esses quatro que a gente tem lá, tem mais daí. Aí eu resolvi fazer as casinhas. Consegui madeira do vizinho que botou um forro de madeira, fez uma reforma, sobrou uns pedacinhos. 'Ah, tu quer me dar?' Comecei a juntar pedacinhos de madeira e tal, comprei uma serra lá em Foz do Iguaçu quando eu estive no Paraguai – baratinha a serra. Comprei um disco e comecei a serrar e a fazer as casinhas. Aí eu fiz a primeira casinha pro Pé de Pano, aqui dentro do pátio. Depois eu vi que tinha mais madeira e que podia fazer mais uma casinha e eu disse: 'Ah, vamos fazer casinhas pra pôr lá fora?' 'Vamos!' Aí a gente começou a idear essas casinhas. Aí aquela casinha dupla, geminada eu fiz pensando nas nossas, que também são geminadas, né. Aí fiz com restos de telha, com resto de tábuas que um me dá, outro me dá; pallet que eu ia lá no Carrefour buscar, enchia o carro, sujava todo de madeira, até em cima. Aí deixava, 'isso vou aproveitar', 'isso eu não vou aproveitar, mas vou deixar ali, uma hora eu preciso'.





Aí fiz um monte de casa velha, que agora eu já troquei todas, porque uma vez por ano eu chego ali e tem que trocar, tem que reformar. Aí eu pego as madeiras que eu tenho, arranjo outras madeiras e vou refazendo, vou pintando, vou trocando e vou fazendo. Tudo material achado, da rua: tinta eu tinha da serigrafia, aquelas coloridas que a gente colocou e tal, daquela mais colorida que a Rô pintou com a cor do arco-íris; e as outras eram de um restinho de tinta que tu acha aqui, outro restinho de tinta que a vizinha te dá; aí o vizinho ali: 'Ai, eu tenho um restinho de telha aqui, tu quer?' 'Quero, bota lá no pátio, uma hora que eu precisar já tenho lá'; saía de carro, via um pedaço de telha: 'Ah, vou juntar'; juntava e trazia pro pátio e ia fazendo as casinhas. Acabou que consegui fazer aquelas casinhas ali. Ali a gente tem três animais de rua que já eram daqui, que a gente banca com ração e água, damos banho, levamos no veterinário se precisar... é nosso.





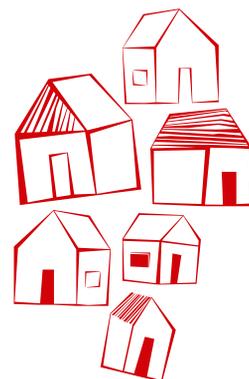
As casinhas são da comunidade, os cachorros são da comunidade; não são meus, não são da Rô, não são de ninguém. Eles já estavam aqui quando a gente chegou, a gente só fez um abrigo pra eles ficarem abrigados porque, como eu falei antes, como a gente, eles também não gostam de frio, de sol, de chuva, né. Então todo dia de noite a Rô vem da faculdade, eu vou com ela, a gente passa por aqui, vai lá, bota um pote de ração pra cada um. Isso a gente banca do dinheiro da gente, a gente teve já doação de colegas do posto, da doutora Rosane, da Miranda, da Edith... e restos de comida, os vizinhos da rua todos dão restos de comida pra gente. Eles chamam: 'Ó, passa aqui depois que eu tenho resto de comida, tá separadinho aqui'. Daí dá, a gente mistura com outra coisa, cozinha quando não tem ração na hora, faz uma comida e dá. Eles nunca dormem uma noite sem comer. Todos são vacinados. A maioria, que a gente conseguiu castrar, a gente castrou, a gente vinha já agendando trimestralmente uma castração e batia de casa em casa.







Aramito



Tudo começou com o Pé de Pano. Depois vieram a Pretinha, a Luz Divina e quem mais se aproximasse e precisasse. Os cãezinhos abandonados, velhos ou doentes que não encontraram abrigo no Porto Novo foram, aos poucos, sendo acolhidos e abrigados em casinhas. As casinhas coloridas formam um pequeno “loteamento”, que é mantido com doações de vizinhos, simpaticantes e colegas de trabalho.

Aramito confessa que, no início, não queria saber de bicho em função da morte de um cão muito querido; não queria sofrer. Explica que na Vila Dique os cães tinham abrigo entre as casas e tábuas. No Porto Novo é tudo de alvenaria, sem “esconderijos”, então eles não têm onde ficar. Aramito e sua irmã, Rô, que viam os cães andarem soltos e doentes, aos poucos começaram a olhar para os animaizinhos.

Aramito usa os fins de semana e os dias de folga para fazer as casinhas artesanalmente e para levar os cães doentes ao veterinário. Não gasta um centavo com as casinhas, todas feitas de doações e restos de construções, material reciclado. Não vende, doa. Faz casinhas para quem deseja, para quem queira cuidar de um bichinho que precise de abrigo. E diz que já tem gente que abandona filhotes nas casinhas à noite. Ele cuida.

Todos os “moradores” têm casinha com colchãozinho feito pela Rô, comida e água limpa. Há casinhas pequenas para transporte até o veterinário. Os dois irmãos pensam em estratégias melhores, como na construção de uma cortina de plástico em tirinhas para que os cães não molhem a casa na época das chuvas. Entretanto, dizem que “não dá pra fazer tudo”, quando contam de um cãozinho que tinha cortado as patinhas em um bairro distante e veio pedir ajuda.

Aramito e Rô são agentes comunitários de saúde da Unidade de Saúde Santíssima Trindade desde 2004. Ele diz: “Tive um pai que sabia brincar comigo”. Por isso ele sabe o que é brincar com crianças, por quem diz que sempre teve paixão. Fez parte de um grupo de brincadeiras, o Grupo de Criatividade, que chegou a ter 40 crianças. Ele ensinava a dar limites com um risco de giz no chão.

Algumas dessas crianças eram espancadas pelos pais e/ou viam os pais baterem nas mães, na Vila Dique. Algumas delas só queriam brincar de arma e tiro. Ele queria fazer algo diferente, resgatar brincadeiras antigas. Hoje, “as crianças [da época] já têm crianças”. São adolescentes. Algumas seguiram um bom caminho. Outras se perderam ou foram mortas. “Isso dói aqui na gente”, ele diz emocionado.

Ele lembra que havia um adolescente de 14 anos que “era o que mais precisava”. No Natal, resolveu dar um carrinho: “Escolhi o mais bonito”. Ao receber o presente, o menino respondeu: “Tio, tu me dá uma escova de dente e uma pasta; eu não quero carrinho”. E Aramito se impressionou com o desejo de cuidar da saúde. Diz que são surpresas, aprendizados, lembranças boas, que guarda com carinho.

Aramito e Rô foram removidos com a comunidade. Deixaram coisas, reconstruíram. Ele não conseguiu refazer o grupo, mas apoia as ações do Programa Saúde na Escola. Gosta do Porto Novo porque não tem barro e porque não tem risco de atropelamento. A vila mudou muito, mas ele conhece a maioria e afirma: “Não é a minha área, a tua área, tudo é nosso, porque conheço todos”. E acrescenta: “Só de olhar, já sei o que sente”.

Aramito é um profissional de saúde. Cuida dos cachorrinhos, brinca com as crianças e visita as famílias. Tem 53 anos, é solteiro e não tem filhos. Em 11 anos de profissão, guarda lembranças boas e dores, sente saudades e diz que sua alegria e satisfação são os sorrisos das crianças quando o veem, o sorriso na sala de espera do posto de saúde e o sorriso das crianças que o esperam no portão das casas que visita.







Anastácio



Dormi com o relento, lençolei-me com o infinito da estrela.
Pensava que era noite de passagem.
Mas rodopiei mais noites às voltas, zarantolo.
Assisti às quatro estações da lua.
Comi raiz, masquei folha, tringuei casca, cuspi-me a mim.

Beberiquei orvalhos, na cafeteira da madrugada.

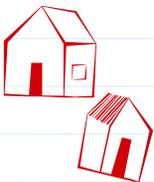
Mia Couto





Meu guri tá pegando a mesma missão minha. Tá com 20 anos. Ele tá aprendendo pelo certo, só pelo computador. Ele chega do quartel e a primeira coisa é a gaita. Começou assim: eu disse – ‘Ó, Bruno, tem que pegar a gaita e começar fazendo barulho aqui e ali’. Comecei botando o dedo dele assim: ré maior, ré menor, lá maior. Aí ele foi pegando, começou a gostar... toca mais de cem músicas, acompanha qualquer instrumento.

Tenho outro filho que toca violão muito bem, mas é um professor, viu!? Ele começa o violão de um lá do cabo de baixo até a ponta e volta, solando. Como pode né!? Pegou muito bem. Acho que já vem de sangue isso aí.

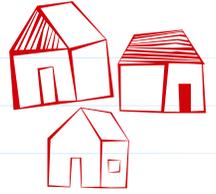






Scandalli

B1843



A gente tocava em chão batido, lá fora, no interior. A noite começava sábado e terminava domingo de noite. Levantava poeira braba do chão... tocamos lá em Barão do Triunfo, eu e um primo meu. Não tinha luz. Eu tocava violão, um outro no pandeiro e a gaita. Volta e meia atiravam água no salão pra acalmar a poeira, um salão bem grande até – tinha umas cinquenta pessoas dentro daquele salão dançando. E, olha, que coisa linda!



CASA
DO
AFIADOR



O bugio

*Bugio da noite inteira
Tá sentado nas alturas
Lá no galho da figueira
(x2)*

*A morena é bonita e faceira
Vai dançar essa vaneira,
Vai dançar a noite inteira,
E o bugio lá nas alturas,
lá no galho da figueira
(x2)*

*Coitado do bugio
Ele já tá bem velhinho
Ele tá fora do bando
E não pode cantar sozinho
(x2)*

*Coitada da bugia
Ela tá triste, apaixonada
Seu marido tá doente
E não pode fazer nada*

*O bugio
Bugio da noite inteira
Tá sentado nas alturas
Lá no galho da figueira
(x2)*

*Coitada da bugia
Ela tá triste, apaixonada
Meu marido tá doente
Ele não pode fazer nada*

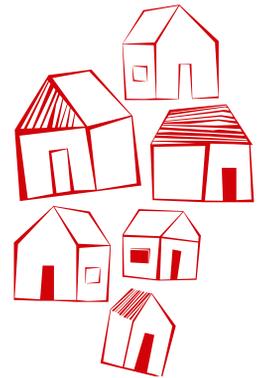
*Levo ele pro doutor
Pra tomar um remedinho
Logo vai ficar curado
Levo ele pra minha casa
Pra fazer lua-de-mel
Pra fazer felicidade*

“Bugio”, composição
de Seu Anastácio.

As origens da criação do ritmo
bugio são controversas; acredita-se
que tenha surgido na tentativa
de imitar o ronco do bugio,
usando o jogo de fole da gaita.



Anastácio



Gaita ponto, peão de trecho, bugio, churrascada, tocar em sanga, namoros, galpão, baile e briga de bêbados para não pagar a conta. Esses são jeitos, falas e histórias de Seu Anastácio, 73 anos, casado, três filhos, gaiteiro, afiador de facas, que por 25 anos foi morador da Vila Dique. Tocou no Morro da Cruz, na Timbaúva, Salão São Chico, Barão do Triunfo, Venâncio Aires, Rio Pardo, Canoas e Cerro Grande do Sul, “sempre entupido de alegria”!

Gaúcho da Fronteira, o “finado Teixeira”, Paulo Martins e outros cantores de música gauchesca são seus prediletos. Seu Anastácio chegou a ter um conjunto e afirma que, para viver de música, “tem que ser muito artista”. Tocou em tudo quanto é tipo de lugar, onde quer que o convidassem. “Qualquer lugar eu gosto”, principalmente “se tiver churrasco.”

Para levantar as pessoas das cadeiras, Seu Anastácio tocava no Baile do Chico Torto e diz: “Nem imagina as festas!” Esse ofício era um entre outros dois que o ajudavam a sobreviver: o de afiador de facas e o de guarda noturno. “Eu gosto de fazer as coisas mais ou menos certas”, diz ele, referindo-se à sua honestidade e ao jeito de fazer as coisas. Lembra-se da doença da esposa e dos anos em que passou cuidando sozinho dos filhos.

Sobre a música, a gaita, diz que sabe de ouvido: “Aprendi por conta”. Também diz que andou muito, “toquei pelo mundo”, embora o mundo não chegasse a sair dos limites do Rio Grande do Sul. O mundo de Seu Anastácio, entre galpões, salões, Vila Dique e Porto Novo, faz-se muito das memórias de grandes aventuras. Assim, ele ri quando fala do tempo que passou. E brinca, em música, ao falar do tempo, da idade e da velhice.

Da Vila Dique ele se lembra do barro, dos mosquitos, do galpão onde tocou e de sua casa, que estava muito estragada, quase caindo. Sobre o Porto Novo, diz que a violência faz com que ele venha para casa cedo e não saia à noite. Da família mostra as fotos com orgulho e também com orgulho fala do filho de 20 anos, que está “aprendendo pelo certo, pelo computador” e que toca “mais de cem músicas pela partitura”.

Para o ofício de afiador, Seu Anastácio enfeitou uma bicicleta que tem todas as ferramentas de afiar. Na parte da frente da bicicleta, tem uma caixa vermelha com os escritos “Na graça de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Seu Anastácio pedala até 120 quilômetros entre litoral, interior e região metropolitana. Passa dias acampado ou em galpões, afiando as facas das redondezas.

Seu Anastácio tem um aparelho de som gigante na pequena área externa de sua casa. Ligando o som, a área quase vira um galpão em pleno baile, tal o volume. Nessa mesma área, ele estaciona a bicicleta toda colorida e enfeitada. Os familiares dizem que ele vai longe, até a cidade vizinha. Seu Anastácio continua andando pelo mundo, ganhando o mundo na bicicleta com a qual sai com os afiadores de faca, ainda em festa, “entupido de alegria”.





Sorvete de Frutas

Frutas que você preferir

1 xícara de açúcar + ou -

1 colher de leite condensado

1 colher de leite

1 colher de manteiga

1 colher de sal

1 colher de

coloque as

e bata

coloque

enche

congr



Doce

20 g de açúcar

14 de frutas

1 colher de leite condensado

3 colheres de manteiga

1 colher de sal

em uma

a ma

as

para

chocolate

^
Ângela



Ri, sem palavra.

Mas, para ela, não havia riso, nem motivo.

Cozinhar é o mais privado e arriscado acto.

No alimento se coloca ternura ou ódio.

Na panela se verte tempero ou veneno.

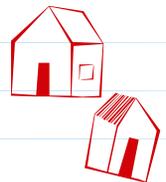
Quem assegurava a pureza da peneira e do pilão?

Como podia eu deixar essa tarefa, tão íntima, ficar em mão anónima? Nem pensar, nunca tal se viu, sujeitar-se a um cozinheiro de que nem o rosto se conhece.

– Cozinhar não é um serviço, meu neto, disse ela.

– Cozinhar é um modo de amar os outros.

Mia Couto



Todos aqueles
que aqui estão
a travancando meu
caminho
Eu Passarinho
e os passaros

Mario Quintana

30143404

“
Eu me lembro de quando eu tava na segunda
série, terceira série do colégio, e a professora perguntando
qual é que seria a profissão da gente, e eu falei: 'Doceira'.
Aí ela disse: 'Ah, não, quando tu crescer tem outras coisas'.
Eu sempre digo pra minha filha: 'Acho que eu fui a única
que falei a sua profissão'.
”

18.08.06

Rogério Ch.m

Pão caseiro

600g de farinha

1 colher de sal

1 colher de leite em pó

1 colher de manteiga

300 ml de água + o

30 g de fermento biológico

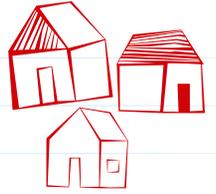
Bata na batedeira a farinha o sal o leite em pó junte a manteiga água aos poucos o fermento bata bem até abrir sem rasgar deixe crescer coloque em forma com tampa e deixe crescer novamente e asse em forno pré aquecido 200º graus.

“

*Eu vou e como. Às vezes ainda levo pra casa.
Pergunto: 'Ai, quem é que fez?' Às vezes eu brinco:
Ah, me dá o telefone da doceira que fez esse bolo'.
Aí fico ouvindo elogios, e isso é muito bom, né!?
Tem gente que... eu adoro quando me mandam
mensagem de volta, dizendo: 'A festa tava maravilhosa',
me agradecendo, dizendo que todo mundo gostou.
Ou, quando volta, que volta gente aqui em casa,
ou que a pessoa mandou da festa. Me indicam, chegam
aqui dizendo: 'Eu fui na festa de fulano'... isso eu adoro.*

”







1 bolo de 20 reais sabor
abacaxi com nata cor
rosa e branco
5 horas — x — dia 17 sábado.

200 salgadinho sortido
cor branco e vermelho
Maria Helena sábado dia 17
5 horas

Acne

estofante caseiro
sabonete liquido 2 colher
1 colher de sais de banho
misture bem até ficar um creme
fazer uma estofação a cada
15 dias - por 10 minutos - tens o rosto

loção Adstringente

2 colher sais de banho
1/2 lt de alcool
1/2 lt de água
misture tudo e passe na pele
diariamente com algodão

“
Na época tinha o União. Teve uma vez
que tinha que juntar os pacotes do União, e a minha vó
ainda me ajudou pra poder pegar... foi o primeiro livro
de receitas; tenho até hoje ele. Às vezes eu pego aquele
livro e lembro que eu era pequena, eu devia ter uns
12 anos, 10 anos na época.”





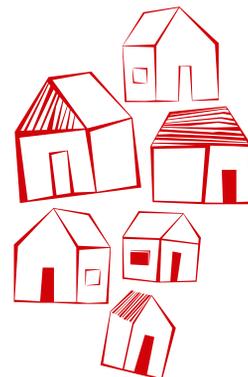
“

*Cuidei de cinco irmãos. Eu que fazia as coisas.
Às vezes tinha festinha, alguma coisa... a gente olhava
em livros e fazia. A mãe chegava em casa e sempre tinha
uma novidade.*

”



Ângela



Juntando embalagens de açúcar, com a ajuda da avó, aos 12 anos, Ângela conseguiu o seu primeiro livro de receitas em uma promoção da marca União. Outro livro que lembra com carinho é o que ganhou “das gurias do galpão”. Um dia, em um galpão de separação de resíduos sólidos (o que chamamos de “lixo”) na Vila Dique, as mulheres trabalhadoras encontraram um livro de receitas. O livro “vinha com dedicatória e tudo”.

No entanto, os livros são pouca coisa perto dos dez cadernos de receitas, todas elas copiadas de revistas ou de programas de televisão ao longo de muitos anos. Nos cadernos estão não só as receitas copiadas à mão em letra caprichada mas também desenhos e palavras, como o desenho de uma nuvem com chuva em uma receita copiada em dia chuvoso. “Dia triste”, escreveu Ângela ao lado da receita de um bolo que copiou após chegar do enterro de um primo querido.

Assim, juntando receitas, aprendendo daqui e dali, Ângela, que começou a cozinhar cedo para os cinco irmãos, aos 23 anos já fazia comida para vender. A pé, depois com uma bicicleta de três rodas, Ângela circulava na estrada de chão e na movimentada pista de asfalto da Vila Dique. Vendia para as gurias do galpão na hora do café, para os trabalhadores da creche e para os do posto de saúde. Fez bolos para as festas da comunidade e, com o tempo, se tornou “especialista em bolos”. Hoje, Ângela chega a fazer seis bolos por semana.

Convidada para quase todas as festas de aniversário da comunidade, Ângela diz: “Todo mundo me conhece aqui”. Quando pode, vai a todas as festas, come seus bolos e, como de costume, ainda leva para casa um pratinho: “Eu adoro comer meus bolos! Eu sei como foi feito”. Diz que agora, em algumas festas, tem bolo cenográfico, mas “na hora de servir, serve o meu”. E conta com carinho do bolo que fez para o aniversário de um aninho e depois para o aniversário de 13 anos da mesma criança na comunidade.

Por um ano Ângela ficou sem trabalhar e diz que quase entrou em depressão. “Fazia pra mim”, afirma, contando que fazia bolos e enfeitava para ela mesma, para se animar. Em outra ocasião, parou de trabalhar por dois meses devido a um problema na coluna. A mãe fez uma promessa de que, melhorando, ela faria o maior bolo que pudesse e o distribuiria na comunidade. E assim foi! Ângela conta que o bolo gigante teve que ficar em cima de uma porta e sair pela janela: “Fechou a vila [Dique]” e “encheu de gente”, ela lembra sorrindo.

Entretanto, não tem só lembranças felizes. Ângela conta da ocasião em que familiares vieram encomendar um bolo para uma senhora da comunidade que não queria o bolo. Ângela o fez, mas, na retirada da geladeira, a tampa do freezer “grudou no bolo” quase na hora de virem pegá-lo. Ela conseguiu consertar o estrago e soube, mais tarde, que a festa tinha sido uma tragédia. O filho da senhora, que recém tinha voltado da prisão, havia sido assassinado.

Na mudança da Vila Dique para o Porto Novo, o espaço para o trabalho piorou, mas as vendas melhoraram. O álbum de fotos de bolos de Ângela está sempre “na rua”. O “bolo da Jé” é o que faz mais sucesso. É “bolo normal”, diz ela, sem glacê, “sem enfeite, sem nada”. “Receita minha... só chocolate.” “Jé” é uma homenagem à filha Jéssica, que não gosta de cozinhar, mas ajuda a comprar os ingredientes. Agora, Ângela pensa em uma receita para a filha caçula. Quer criar o “bolo Sofia”.

Assim vive a menina que veio do interior – Alvorada –, estudou até a sétima série e que, um dia, na segunda série, respondeu à professora que lhe perguntara o que queria ser quando crescesse com uma palavra: “doceira”. Ângela, 45 anos, separada, duas filhas, moradora da Vila Dique por 12 anos e do Porto Novo por dois anos. Sente felicidade quando enviam as mensagens e as fotos dos bolos que faz para as festas. “Eu faço com amor”, diz ela, que sonha acordada com uma cozinha maior e que, para sonhar dormindo, lê livros de receitas.







My In Good

1.00

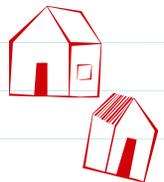
Zulmar



A missanga, todos a veem.
Ninguém nota o fio que, em colar vistoso,
vai compondo as missangas.
Também assim é a voz do poeta:

um fio de silêncio costurando o tempo.

Mia Couto



Certificado

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Departamento Regional do Rio Grande do Sul
certifica que

ZULMAR ROSANE NATÁRIO DA SILVA
natural de Porto Alegre/RS, nacionalidade brasileira
nascido(a) em 16/06/1960, identidade n.º 3071214203

concluiu no período de 31/05/2011 a 13/06/2011,
o curso de
COSTURA E ACABAMENTO EM PEÇAS CONFECCIONADAS COM RETALHOS
na modalidade de
INICIAÇÃO PROFISSIONAL
realizado no(a)
ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL SENAI VISCONDE DE MAUÁ
com duração de 40(QUARENTA) horas.

Porto Alegre, 20 de junho de 2011

Portador


JOSÉ CARLOS ASSIS DA ROSA
Diretor(a) da Unidade

SENAI
Serviço Nacional
de Aprendizagem
Industrial

FIERGS
Federação das
Indústrias do Estado
do Rio Grande do Sul

CIERSO
Centro das
Indústrias do Estado
do Rio Grande do Sul

SESI
Serviço
do INDA

Certificado

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Departamento Regional do Rio Grande do Sul
certifica que

ZULMAR ROSANE NATÁRIO DA SILVA
natural de Porto Alegre/RS, nacionalidade brasileira
nascido(a) em 16/06/1960, identidade n.º 3071214203

concluiu no período de 09/05/2011 a 30/05/2011,
o curso de
TRANSFORMAÇÃO DE RETALHOS TÊXTEIS EM PEÇAS DE DECORAÇÃO
na modalidade de
INICIAÇÃO PROFISSIONAL
realizado no(a)
ESCOLA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL SENAI VISCONDE DE MAUÁ
com duração de 60(SESSENTA) horas.

Porto Alegre, 3 de junho de 2011

Portador


JOSÉ CARLOS ASSIS DA ROSA
Diretor(a) da Unidade

SENAI
Serviço Nacional
de Aprendizagem
Industrial

FIERGS
Federação das
Indústrias do Estado
do Rio Grande do Sul

CIERSO
Centro das
Indústrias do Estado
do Rio Grande do Sul

SESI
Serviço Social
da Indústria

IEL
Instituto
Evangelho Luth





Eu olho na Internet, mas eu olho porque, olhando alguma coisa que tá na Internet, surge uma criatividade aqui dentro. Não precisa copiar dos outros. Eu olho uma casquinha de ovo e já crio uma imagem daquilo pronto.







“
‘Bagulhar’ é sair
pra rua com o carrinho.
”





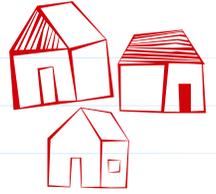
*O que mais é caro [é] o papel branco.
Isso é o ouro branco do pobre. Ele sendo assim, ó, escrito
é um preço; e se tu picotar aquele xerox limpo, picotado,
é apara branca. Isso levanta a pessoa. A gente cortava
a revista e [ela] virava apara mista, e o preço, ó, levantava.*







LEVIZZI



Quando vou pra descaracterizar as marcas, eu tiro tudo. É pra rasgar? Eu chego lá e rasgo com vontade, tiro a minha gana. Olha o que eu faço na Receita: a gente pega a roupa com a marca. Esse aqui é Adidas. Eu tenho que tirar uma dessas listras pra acabar com o Adidas, e aqui, ó, eu tiro a marca do Adidas. Corto aqui e transformo naquilo ali, customizo.





Quando a Receita Federal assina, é porque o teu trabalho tá 100%. Pra mim, isso aqui tem um valor... eu vou guardar pra sempre, vou até botar num quadrinho.

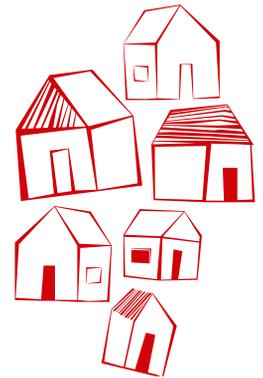


TRABALHO
NOTA **
10000 *





Zulmar



Zulmar conta suas histórias enquanto coloca as missangas no fio de náilon – trabalho miúdo, que exige atenção e boa luz –, por isso ela prefere fazê-lo sentada em uma cadeira na calçada durante o dia. “[Missanga] prejudica a visão, tem que ter óculos forte para fazer.” Mas nem só de missangas Zulmar faz suas artes. É material que compra, que ganha e que acha na rua, no lixo. Esse lixo, ela diz, “é uma fortuna”. Papel branco, pouco escrito e pouco amassado, então, é “ouro branco”.

Pensando assim, viveu parte da vida, “vida esturricadinha, segurando para dar certo”. Vida puxando carrinho, “bagulhando” material nas ruas e levando para casa para separar e vender. Machucava as mãos. Era difícil de equilibrar o carrinho quando ficava cheio de material, daí os homens ajudavam, baixando as hastes. Ainda hoje guarda material: “Trouxe coisas do lixo da Dique que estão ali há cinco anos; acho um crime botar fora tanta coisa boa”.

Depois, as coisas foram melhorando. Adquiriram a primeira égua para ajudar, e o carrinho foi substituído por uma carroça. Conseguiram uma balança para eles mesmos pesarem o material recolhido, pois as empresas os enganavam na pesagem. Foram sendo mais autônomos e menos dependentes, até o momento em que veio a remoção e a necessidade de mudar de atividade; não era possível levar os animais para as casinhas do Porto Novo.

Ainda na Vila Dique, Zulmar fez os cursos profissionalizantes que a empresa responsável pela remoção ofereceu. Já fazia artesanato e decoração de isopor para festa de aniversário, mas, com os cursos, vieram as oportunidades. Fez curso de reaproveitamento de materiais, customização, bordados e auxiliar de costura. Para tudo, diz ela, sempre tem o que fazer, sempre pode servir. Zulmar “olha e já imagina pronto”.

Dá pra fazer quadro de casca de ovo, brinco de CD, colar de garrafa pet, colar de tecido enroladinho, mistura de fuxico e missanga. Também dá pra fazer brinco de lacre de água mineral, e dá pra fazer bolsa do plástico das sombrinhas abandonadas nas ruas. A filha de Zulmar, Márcia, aproveita os esmaltes de unha velhos para pintar a louça do banheiro. O melhor é que vira distração: “Não pensa bobice”. É “terapia para os nervos”.

Sobre os filhos, diz que todos foram criados sabendo aproveitar. Márcia, que mora ao lado da mãe, mostra o livro de recordações da família onde colou o pedido do exame de gravidez, a primeira ecografia, o primeiro cachinho de cabelo do filho e os desenhos do colégio. O álbum de recordações é um antigo catálogo de papel de parede para quarto de bebê que alguém se desfez. Na sala de Márcia, inúmeras fotos de cavalos, sua paixão, como lembrança dos seus antigos animais.

“Os netos puxaram pelo sangue”, diz Zulmar; gostam de reaproveitar e não é incomum que eles levem para casa coisas achadas na rua. Aliás, a casa de Zulmar e Márcia é enfeitada com muitos adereços achados na rua. Tem coisa que achou até “no lixo do carnaval”. Assim, ela faz suas artes e as vende nas feiras, em colégios, no mercado público e onde mais a convidarem. Customiza confecções apreendidas pela Receita Federal e também as vende.

Zulmar, 55 anos, moradora do Porto Novo, 30 anos de Vila Dique. É mãe de Francis, Márcia Andréia, Vladimir, Luís, Alexander, Andreza, Jéssica e Jean. É avó de Valdemir, Davi, Erik, Vítor, Samira e de mais dois que virão. Veio de outra vila de Porto Alegre, “outra vila, outra vida”, mais sofrida. Na Dique, achou sustento e amizade. Na mudança necessária, recebeu elogios e esteve em um grupo chamado “Mulheres de fibra com mãos de fada”. Pergunto sobre o que faz, o artesanato, e ela me responde: “O que eu gosto de fazer de muito especial são os meus filhos”.







Mário



Há um rio que atravessa a casa.
Esse rio, dizem, é o tempo.
E as lembranças são peixes nadando ao invés da corrente.
Acredito, sim, por educação. Mas não creio.
Minhas lembranças são aves.
A haver inundações é de céu, repleção de nuvem.

Vos guio por essa nuvem, minha lembrança.

Mia Couto





“

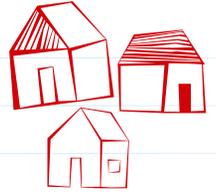
Eu vim de uma família de evangélicos, onde nós tínhamos o direito de escolher o time de futebol, o partido político e a religião. Então foi essa religião que eu escolhi.

”





NUNANGI LACE



Eu não sou muito fanático. As minhas divindades, os meus deuses, eu não incomodo eles pra nada. Geralmente as pessoas utilizam disso pra pedir muito. Ou então qualquer dor de barriga que tu tiver, se é católico, se tu é evangélico: 'ai, meu deus, me ajuda'. Não, te ajuda! Não pode ter uma religião pra achar que a tua vida vai mudar se tu não fizer nada. Todas as mudanças que eu fiz, com certeza, eu devo ter tido uma ajuda, mas não que eu tenha utilizado a religião pra que a minha vida mudasse.





Eu benzi algumas pessoas lá no Dique antigo. E a benzedura passa de alguém pra alguém. A minha vó já benzia, já era benzedeira, as antigas benzedeiros que hoje tu nem vê mais. Então eu herdei a benzedura dela sem saber, na verdade... acho que eu já benzi com cinco anos de idade, quando eu pegava alguns galhos e fazia algumas micagens, e isso é sinal de benzedura. Eu via muito a minha vó benzendo e fui aprendendo. Quando ela faleceu, eu vi que eu benzia também e tinha resposta de cura em algumas coisas.





Aqui eu trabalho muito mais do que lá. Comecei lá, era mais restrito. Não mudou muito; as pessoas têm os mesmos problemas. Aqui eu atendi algumas pessoas que são da vila hoje, mas que eu nunca tinha visto lá. Eu atendo bastante gente, a maioria, claro, não é daqui. Até porque, como morador da própria comunidade, eu prefiro até não fazer esse tipo de mistura.



**Reino de Oxum Nação Cabinda Abasse
de Exu Tiriri e Pomba Gira Maria
Mulambo.**

**Joga-se Cartas e Búzios Faz-se
Trabalhos Espirituais.**

Consultas com entidades as segundas-feiras à noite.

Atendimento de Segunda a Sábado
das 08:00 às 20:00

**Aceitamos Cartões Visa, Master
e Hipercard.**

**Avenida Bernardino Silveira Amorim, 2263 C
Zona Norte - Porto Alegre - RS**



Mário



“Sofrimento de amor é bom”, diz Mário, pai-de-santo. Assim define as dores do coração, dores de quem o procura para trazer de volta a pessoa amada. “Tem gente muito caprichosa ” que quer porque quer, quando precisa aceitar que o amor se foi; diz que “é comum não ter solução”, e que outro amor virá. Muitas vezes, nem joga os búzios porque a sua “religião é mais que isso”, e “relacionamento é questão de prática”.

Assim, Mário não incomoda seus deuses, não se mete em briga de casal, mas sabe escutar. “Sou um psicólogo”, diz. E, quando as pessoas pedem ajuda, ele as incentiva a buscar suas próprias respostas. No entanto, ele leva a sério e tenta fazer o máximo quando o assunto é saúde, família e trabalho. Entende que “religião é forma de amenizar o sofrimento”, algo que aprendeu com os antigos, assim como aprendeu a benzer com a avó.

Desde os 14 anos, trabalha com religião, mas acumula várias outras experiências. “Passei coisas na minha vida”. Coisas das quais não se arrepende: “Eu gostei de ter vivido”; e coisas das quais se orgulha: “Tu tem que ter uma história”, diz. Na Vila Dique, trabalhou com reciclagem e chegou a ter cinco cavalos. Quando soube que ia mudar, desfez-se de tudo em um ano: “Eu queria vir para cá e não queria acordar às cinco [da manhã] e dormir à uma [da madrugada] com sol e chuva”.

“Cheguei no Dique travesti”, diz Mário. “Não é um bom caminho, é sofrido”. Do tempo em que viveu a experiência, restam vivos apenas ele e mais outro. Da época, conta do sofrimento de homens que viviam duas vidas: a da família, que eram obrigados a constituir por conveniência e aparência, e a que escondiam na noite, que era “refúgio” e “fuga”, onde podiam ser quem eram. Também havia os que iam somente para conversar, compartilhar problemas.

Mário tem 39 anos, benze, “retém cobreiro”, joga búzios, aconselha, acalma os corações partidos e é de Oxum. Já foi catador, já foi Patrícia e atende todos os dias das oito da manhã até “só Deus sabe”. Não faz autopromoção, não vai a rituais públicos, mas junta mais de 80 pessoas na sua casa em festas de santo. Vive sua vida e se orgulha do que foi, do que faz e do que é: “O passado é motivo de orgulho”.



Créditos

Fotos:

Maria Amélia Medeiros Mano

Frame da Geo cantando:

Rodrigo Stobaus Mattar

Fotos de arquivo:

Ângela (bolos e foto de família)

Geo (fotos com o coral, a família e de perfil)

Digitalizações:

Arquivos da entrevistada Ângela (cadernos de receita)

Arquivos da entrevistada Zulmar (certificados)

Folder do Mário



Referências

Em itálico, entre aspas:

Transcrição literal da narrativa dos entrevistados.

Nas entradas dos capítulos:

Trechos retirados do livro “O fio das missangas”,
do escritor Mia Couto.

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras,
2009.

A coleção *Memórias da Vila Dique* é composta por três livros:



Memórias da Vila Dique
Da Vila Dique ao Porto Novo
Caderno de Saberes.

Nesta obra foram utilizadas as fontes ITC Stone, projetada por Sumner Stone em 1988,
e Verveine, projetada por Luce Avérous em 2009.

Capa em papel Supremo 250g/m² | Miolo em papel Couché Brilho 150g/m².



Editoração e impressão:

Gráfica da UFRGS
Rua Ramiro Barcelos, 2500
Porto Alegre/RS
(51) 3308 5083
grafica@ufrgs.br
www.ufrgs.br/graficaufrgs